

1 – ESCOLHA DO TEMA

O tema escolhido foi a fotógrafa Barbara Kruger, a escolhemos pelo aspecto visual de suas fotografias que nos chamou a atenção, há uma interação entre imagem e frases baseados no feminismo, anti-capitalismo e idéia de crítica.

2 – REVISÃO DA LITERATURA

Fotógrafo: O olhar, a técnica e o trabalho (2002, p.50, Rio de Janeiro, Ed. Senac Nacional):

Os filmes preto e branco são ideais para realizar fotos cuja força se concentre na forma, na textura e na expressão do motivo. Sem a utilização da cor, a composição se sobressai e a imagem ganha dramaticidade (...)

Quando se trata da exposição de seus trabalhos, Pequeno (2005, online):

Os trabalhos de Barbara Kruger subvertem os gestos de poder, não só pelo viés feminista e pelas polêmicas anticapitalistas, mas, sobretudo, pela sua estratégia de combate dentro do espaço da arte. Suas palavras reverberam não somente contra outras palavras, mas igualmente também contra imagens. Ainda mais porque tornam a relação espectador-obra como uma experiência pública: diferente de uma fruição contemplativa, a artista coloca os trabalhos na rua, para todos verem, e sua recepção também são imediata, instantânea, visto que os trabalhos são realizados com imagens que já são de ampla circulação, facilmente reconhecíveis e acessíveis a todos. Por outro lado também, a relação proposta não é a experiência presente do Modernismo, mas sim uma relação processual, fragmentada e cheia de interferências.

O Ato fotográfico: ofício de arte e forma (1993, p.26, São Paulo: Papyrus):

Proponho-me a retratar no presente capítulo um percurso histórico das diversas posições defendidas no decorrer da história pelos críticos e teóricos da fotografia quanto a esse princípio de realidade próprio à relação da imagem fotoquímica com seu referente. É claro que sei que o problema é antigo, pelo menos tão velho quanto à própria fotografia; mas, a meu ver, hoje o debate adquire um aspecto novo e importante no plano teórico. A fim de apreender bem essa atitude, convém pelo menos colocá-la em perspectiva através justamente de uma retrospectiva dos pontos de vista sobre essa questão muito antiga tantas vezes debatida. Em linhas gerais, esse percurso vai se articular em três tempos:

- 1) a fotografia como espelho do real (o discurso da mimese). O efeito de realidade ligado à imagem fotográfica foi a princípio atribuído à semelhança existente entre a foto e seu referente. De início, a fotografia só é percebida pelo olhar ingênuo como um “analogon” objetivo do real. Parece mimética por essência.
- 2) a fotografia como transformação do real (o discurso do código e da desconstrução). Logo se manifestou uma reação contra ilusionismo do espelho fotográfico. O princípio de realidade foi então designado como pura “impressão”, um simples “efeito”. Com esforço tentou-se demonstrar que a imagem fotográfica não é um espelho neutro, mas um instrumento de transposição, de análise, de interpretação e até de transformação real, como a língua, por exemplo, e assim, também, culturalmente codificada.
- 3) A fotografia como traço de um real (o discurso do índice e da referência). Por mais útil e necessário que tenha sido, esse movimento de desconstrução (semiológica) e de denúncia(ideológica) da impressão de realidade deixa-nos contudo um tanto insatisfeitos. Algo de singular, que diferencia dos outros modos de representação, subsiste apesar de tudo na imagem fotográfica: um sentimento de realidade incontornável do qual não conseguimos nos livrar apesar da consciência de todos os códigos que estão em jogo nela e que se combinaram para a sua elaboração. Na foto, diz R. Barthes em *La chambre Claire* [A câmara clara], “ o referente adere” em direção a tudo e contra tudo. Diante da imagem fotográfica, não se pode evitar o que J. Derrida qualifica em *La vérité en peinture* [A verdadeira pintura] de “processo de atribuição”, por meio do qual se remete inevitavelmente a imagem a seu referente inevitavelmente a seu referente. Deve-se portanto, prosseguir a análise, ir além da simples denúncia do “ efeito real”: deve-se interrogar segundo outros termos a antologia da imagem fotográfica.

3 – PROBLEMATIZAÇÃO

A disposição do texto interfere na composição da fotografia feitas por Barbara Kruger?

R: Não. O texto é colocado geralmente no canto superior esquerdo, centro e canto inferior direito. Desta maneira o texto não chama mais atenção do que a imagem, havendo um equilíbrio.

Por que as fotografias de Barbara Kruger são preto e branco?

R: Como a foto compõe todo o fundo da imagem, ela usa o padrão preto e branco para que não haja confusão de cores na mesma, com a caixa de texto vermelha, empregada nos textos de cor (geralmente) branca. Se as imagens fossem coloridas, poderiam gerar interferências entre imagem/texto. Da maneira como são utilizadas, ambas se complementam.

Qual a intenção das frases de Barbara Kruger?

R: Intervir nas linguagens, nas ideologias da vida cotidiana, no poder vigente e nas representações sociais dando ênfase ao movimento feminista e o anti capitalismo.

Por que Barbara Kruger se utiliza de imagens e slogans ambíguos?

R: Para fazer crítica ao consumismo, opressão feminina e o poder masculino.

4 – DELIMITAÇÃO DO TEMA

Por que Barbara Kruger se utiliza de imagens e slogans ambíguos?

R: Para fazer crítica ao consumismo, opressão feminina e o poder masculino.

5 – GERAÇÃO DE HIPÓTESE

Há evidências de que Barbara Kruger se utilizava de imagens e slogans ambíguos para Intervir nas linguagens, nas ideologias da vida cotidiana, no poder vigente e nas representações sociais dando ênfase ao movimento feminista e o anti capitalismo.

6 – REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico: ofício de arte e forma*. São Paulo: Papyrus, 1993.

PEQUENO, Fernanda. *Bárbara Kruger: [entre] arte e publicidade*. Rio de Janeiro, 2005.

KRUGER, Barbara. Disponível em: < www.barbarakruger.com >.

Acessado em: 2 de setembro 2009.

GALLERY, Mary Boone. Disponível em:

<www.maryboonegallery.com/artist_info/kruger_info.html>. Acessado em: 2 de setembro 2009.

ZUANETTI, Rose; REAL, Elizabeth et al. *Fotógrafo: O olhar, a técnica e o trabalho*. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2002.